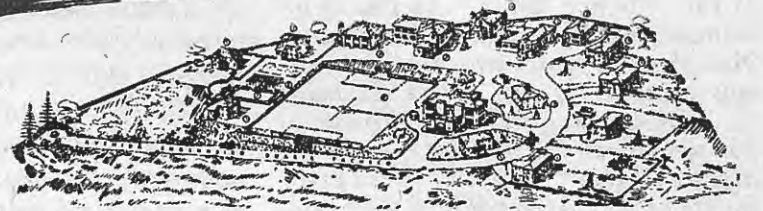




Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X ■ N.º 253 ■ PREÇO 1\$00

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Eu era para fazer uma casa das mais pequeninas onde ela morasse, e nesse sentido tomei o *Morris* e parti. Tive um passe na C. P. e nunca dei um passeio. Tive um passe nos aviões e nunca dei um passeio. Temos um *Morris* e nunca, por minha causa, ele andou nas estradas. São os outros. São os mais que me fazem girar. Eram três horas da tarde quando cheguei à povoação. Num lavadouro público as mulheres lavam e sujam... Ao pé, sentada sobre uma pedra, era a mulher que eu procurava. É demente. Tinha ido para um hospital no intuito e esperança de ser por toda a vida e eis que uma ambulância, sem tirte nem darte, aparece na vila, despeja a Doente e vai-se embora! Voltou à mesma vida. Dorme num palheiro em cima dum carro de bois. Homens e menores aparecem... Ninguém vê. Ninguém treme. Todos passam. *Passam!* Simplesmente dramático. Claro está que não podemos pensar em construir para esta mulher, nestas condições. Não podemos aderir ao mal. Mas vamos sim trabalhar para que ela seja re-vida e defendida religiosamente. Os *padres da rua* são para isto mesmo. Somos os homens da miséria. Dóceis por obrigação, apresentamos os casos com docilidade e até o dia de hoje não temos queixa. Tivéssemos nós a *Obra dos Incuráveis* já realizada e esta Doente teria ali o seu cantinho. Trazendo a lume casos assim, nada mais pretendo do que mover os corações, remover laços que os prendem ao Nada e dar-lhes decisão. Sob esta formosa divisa *Património dos Pobres*, façamos a *Obra dos Inválidos*

Aproveitando o dia fomos até ao concelho de Baião ver de perto o corpo destas quatro moradias que hoje apresentamos. Foram executadas e oferecidas aos da terra por um Particular da mesma. Encontram-se num outeiro, por isso de longe as vi. Vou-me aproximando e, na dúvida, mando parar e pergunto. Sim, eram aquelas. A mulher a quem me dirigi era a esposa do mestre de obras e de tudo me inteirou. Começo a subir. Atrás de mim vem um rapaz da escola com a saca a tira-colo. Era um dos moradores e continua a inteirar-me. Em cima soube tudo. Por sorte estavam em casa as quatro famílias. É um corpo de moradias pobres e decentes. Pé direito. Capacidade. Janelas rasgadas. Cozinha e sobrado. Não falta ali nada que diga respeito à estima e dignidade da gente pobre. Ao centro lê-se em letras de relevo *Património dos Pobres ano de 1953*. A vista deslumbra. O céu era todo azul. O sol aquecia. Começo por uma ponta. Era uma viúva com alguns filhos. A seguir uma família de sete. Depois uma mulher de idade com um filho. E por último uma outra sem ninguém. Em cada casa há suspensos na parede caixilhos com uma estampa do Sagrado Coração de Jesus que há-de ser benzidos, segundo elas, por um tal padre af debaixo das bandas do Porto...! *Vai ser aqui uma grande festa*, continuava, *no dia em que ele aqui vier*. E disseram e disseram e disseram. Agora, visto tudo lá por dentro, saímos juntos para o terreiro. Mais céu. Mais horizonte. Mais deslumbramento. Eu gosto das alturas!

A conversa foi o que tinha de ser. Tem sido assim sempre em visitas semelhantes. O Pobre, à porta da casa que ora tem, não esquece facilmente a que teve e fala, berra, clama, desabafa. Noutro dia e em um outro lugar, a mãe de muitos filhos e ocupada com mais um, sem nunca me ter falado e sabendo quem eu era, sai pela porta da sua nova casa lança-se a mim estreita-me muitas vezes enquanto vai exclamando como que fora de si: *olhe que morávamos numa sagreta*. (O povo daquela terra, chama assim a uma retrete). Ali aonde estávamos, ouvi termos semelhantes àqueles que visitei. A posse de um bem traz-nos à memória os males passados. Sei de muitos pobres, hoje decentemente instalados, que nunca mais tiveram coragem de passar ao sítio aonde antes viveram. E por isso mesmo que esses lugares devem ser queimados. No caso aonde o não possam ser, devem os donos ser obrigados a reparar



Este é o corpo das 4 moradias, que olham de sobre um outeiro, em Ponte do Gôbe, Baião. Nunca vi nada tão pobre e tão limpo e tão eficaz. É obra de um comerciante de Gozende.

antes de alugar a outrem. O dia ia declinando. Eu declaro que é minha vontade deixar uma pequenina leubrança. E como as famílias eram quatro, entrego a uma delas tal nota que desse vinte e cinco escudos a cada uma. Nenhuma das quatro mulheres se adianta para receber a nota; fui eu que designei uma. Ela teme. Mira e remira. Olha para as suas companheiras. Depois olha para mim. Traz ao colo um filho já crescido e aleijado; não pode andar. Ela também o encara. Mais céu azul. Mais beleza. O Criador da Terra também é Criador das almas. A mulher que eu designei quer ouvir de mim, em voz alta, se na verdade eu vou ali deixar vinte e cinco escudos a cada uma; e dando-lhe eu afirmativa, ela prostrase e começa a rezar a oração dominical: *Pai nosso que estais no céu*. As crianças e todos quantos ali estávamos respondemos e fizemos coro: *O pão nosso cada dia nos dai hoje*. O sol ia declinando. Tinha muitos quilómetros à minha frente. Despedimo-nos como bons amigos que somos; nem eu quero outros. As quatro mulheres ficaram a olhar e enquanto me afastava, ouvi-as com voz magoada: *que pena não ser este a vir benzer os nossos quadros e fazer a nossa festa!* Pudera desenganá-las e dar-lhes o meu nome. Algumas vezes assim tenho feito; ali não. Dentro do *Morris* e a caminho, meditei em casos semelhantes que ora e logo me acontecem na vida que eu mantenho com os pobres. Não se trata de avidez; é antes uma revelação do muito que eles precisam e do nada que têm. É aos pobres que verdadeiramente o dinheiro faz falta. Nas lojas há de tudo, porém, segundo a nossa maneira, só o dinheiro tem poder de compra: e sem ele os pobres não trazem nada para casa. Não é avidez. Há só uma desgraça maior do que esta; é a de quem estraga!

POST SCRIPTUM

Não tendo eu capacidade de sofrer sozinho as grandes emoções de alegria, espalho Semeio. Dou aos outros. A situação trágica daquela infeliz mulher a quem fomos dar uma casa, já está resolvida. Foi na volta. A desgraçada vivia em território do Distrito de Viseu. Ao governador nos dirigimos. Não sabemos quem ele é. Grande dor lhe deve ter causado a notícia, para tão depressa remover o opróbrio! Bendito seja Deus de Israel! Quanto às duas famílias de cegos, tenho a certeza que o caminho há-de ser o mesmo, ainda que leve mais tempo. Nós apresentamo-nos às autoridades na qualidade de simples *Padres da Rua*, — *Homens da Miséria*. E com este título temos sido, somos e havemos de ser escutados. *Homens da Miséria*. Depois de ter estado, tornei à mãe cega dos cinco filhos aleijados e cegos. Caía a tarde. Entrei. Todos eles choravam. A mãe tinha saído. Mal me viram, fizeram pausa, duvidosos e assustados. Mas logo continuaram. Pediam-me de comer. Estendiam as mãozitas. Nisto a mãe chega. Eu arrumo-me. Ela não me vê. É cega. Trazia um tabuleiro com alguns cachos de uvas e pedaços de pão. Os filhos atiram-se. A mãe vai balbuciando: eu sei meus filhos é fome. Cresce a s:preguidão. Os mais fortes são os primeiros. Os mais pequenitos, aleijados, arrastam-se; chegam tarde. Alguns ficariam sem nada se eu ali não estivesse. Assisti a uma lição prática, ou não fosse *Homem da Miséria*. O mundo estava dentro daquela casa. O mundo é aquilo mesmo. Os mais fortes atiram-se. Os mais fracos arrastam-se e muitas vezes, quando chegam, é tarde. Ficam sem nada! Nós todos que pomos gravata, andamos em primeira, escolhemos os assentos e os mais caminhos aonde a ignorância nos leva; nós todos, digo, eramos naquela toca, àquela hora, em redor do pão da Cega. Os mais fortes comeram, os arrastados não. E todos eram filhos!

Campanha de Assinaturas

A culpa não é minha. Se os da Administração não vencerem o trabalho, chamem a contas os responsáveis. São o Júlio mai-lo Avelino. Eles é que ateimaram e redigiram e mandaram imprimir e causaram a sua expedição. Eles tudo. Eu nada. Agora é um mundo!... O carteiro, enquanto pousa na mesa o maço de cartas, exclama: *é formidável. Isto é formidável. Nem toda a cidade de Penafiel*. E no dia seguinte, usa a mesma cantilena — *formidável*. Eu cá não. Eu não digo. O silêncio ainda é a grande expressão. E vamos para muito mais de cinquenta mil!!

NOTA DA QUINZENA

A carta que me chamava dizia venha o mais depressa que possa já que Deus para isso o destinou. E eu fui. Melhor, fomos. Avelino ia ao volante e atrás a senhora da cozinha. Meia hora e estavam no sítio. Demos os sinais e um rapaz da beira da estrada, vai indicar. Tomamos por um carreiro entre tojos. Andamos alguns minutos. Era ali. Uma família de cegos! A moradia é uma loja. Em dois berços, dormem cinco filhos. A um canto, numa enxerga desprovida, os pais. E' tudo desalinho. E seria desespero se Deus não pusesse as suas mãos e desse tinta a estes quadros. Noutro canto, tinha-se feito lume sobre a terra estreme e à roda duma panela de três pernas, aninhavam-se cinco crianças, com aspecto de jamais haverem comido o que racionalmente necessitam e têm direito, como os Povos admitem e proclamam. Eu vou de mansinho e tiro o testo. Meto a colher. Remexo. Era um cozimento! Não tem adubo, foi a resposta da mãe, quando por ele lhe pergunto. A gente não lhe chega. Os pequeninos não se levantam, à espera que sua mãe lhes reparta o cozimento. Dois deles arrastam-se. Foi ós três anos, explicou a mãe. Não se têm. É só cego. Eu estava e ouvia e rezava. A mãe levanta os olhos. Perdeu um. No outro sofreu uma operação. E' cega. Sua mãe, uma velhinha de setenta, também é. Porque precisa de sair a mendigar e não tem quem a guie, cai muitas vezes no chão, magoada! Dos cinco filhos que eu vi, alguns deles dão sinais de virem a perder a vista. Eu não vejo, não distingo, mas parece-me que os meus filhinhos vão ser todos como eu, disse a cega. Aqui torno a rezar. A miséria tem pontos sublimes. O pressentimento da mãe é um diagnóstico de temor: vão ser todos como eu. Porque ama, teme. Marido sim. Eu sou casada, foi a sua primeira informação. Ele andava a dar o dia. E' aleijado. Ganha menos do que qualquer, e todos ganham tão pouco! Mas a minha visita não era para esta casa; foi por um engano feliz. Falando, soube aonde morava a outra família, e para lá nos encaminhamos. Elas são irmãs. Uma casada e com cinco filhos. A outra, solteira, tem quatro deles. Foi para esta que me indicaram. Mora numa cortelha. Quando chove é tudo lama e eram claros os vestígios dela. Apenas nos percebe, a mulher sai de dentro com um filho ao colo e sem nada lhe perguntarmos ela informa: eu sou uma desgraçada. Um pequenino de meses já é cego. Uma rapariga duns dez anos, há muito que perdeu a vista. Dos mais tem-se tudo a recer. Enquanto estou, vou percebendo a razão da insistência da outra irmã — eu sou casada. Não difama. Não diz mal. Afirma a sua posição. Não aponta. Uma tem cinco filhos do seu homem. Outra tem quatro de nenhum, — porque muitos. Eu sou uma desgraçada. Seja como for, trata-se de nove crianças. Porque ali me chamaram e eu sou o procurador dos pobres, não tenho outro remédio se não interceder. A Defesa da Família, pelos seus directores, não pode ficar em casa ao tomar conhecimento. Nem pode ordenar que se apresentem, mas pode ir buscá-los todos e tratar cada um. São nove crianças. E' um caso nacional.

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA



Aqui, LISBOA!

Com a construção de moradias para os Pobres e a restauração da igreja, estão gastos, este ano, 265 contos. Saiu daqui o pão de muitas famílias de operários. O pão e o vestuário dos nossos rapazes anda por verba parecida, o que, tudo somado, representa um capitol realizado, de volume humanamente inexplicável.

Não temos selos nem tabelas nem contribuições nem emolumentos. Temos a Providência somente. En último recurso Ela aparece com o milagre, para confundir o egoísmo dos homens.

Num momento de esgotamento tivemos que vender umas joiazitas que estavam aí guardadas para o cálix da Missa Nova do Sr. Engenheiro. Também o ouro se transformou em pão. A Providência se encarregará de arranjar o cálix doutra maneira.

Nos donativos recebidos para a igreja, deparamos uma nota consoladora: é a contribuição voluntária do povo do Tojal. É gente do campo que se debruça sobre a terra durante metade do ano, e passa outra metade a caminho da praça, e por isso se esqueceu de rezar. Todavia vai já em mais de dez contos, a soma das ofertas espontâneas de muitos. Um operário manda 50 num envelope, à moda da cidade; outro senhor, com igual quantia, junta esta expressiva dedicatória: «A pagar ruínas causadas pela maldade humana é indubitavelmente despertar

para outro fim a alma de quem as fez». Já foi tempo em que o Tojal foi selva de feras que atacaram D. Diniz; não há muito, voltou a ser refúgio de incendiários; agora terra de restauradores. Progresso. Viva o Tojal!!! Outra contribuição valiosa para a igreja, é dos nossos rapazes. Eles as vítimas da ruína da sociedade, com pedras e argamassa às costas, de serra e martelo na mão, reparam igualmente ruínas de tempos calamitosos. Tenho grande fé no suor derramado nesta obra que é a casa de Deus. Mas vamos aos outros donativos de Setembro e Outubro. Dos Empregados do Crédito Predial, 100; de uma simples criada de servir, 50. Da Formiga, para a Curraleira, 50. Há lá um velhinho totalmente cego que se fosse daquele tempo, em Jericó, já teria recuperado a vista. Quando entro na barraca, forma-se uma procissão atrás de mim, só para o ouvir, na ternura da sua gratidão. Dormia no chão. A primeira vez que o visitamos depois de lhe termos enviado uma cama, recebeu-nos de joelhos, de mãos erguidas em louvor ao Pai Celeste. Os circunstantes choravam. Se alguém quizer compartilhar da oração deste ceguinho, mande-nos, por agora, um moço de cigarros; 100 repetidos ainda para a Curraleira.

De Cascais 40 e 500. Dos peditórios da Costa do Sol, diremos noutra altura. Outra vez a simples criada a dar lições às senhoras. Não é o chapéu que as faz, mas a nobreza da alma. Esta Criada é Senhora. Dum grupo de Madeirenses 80. Os de longe dizem aos de Lisboa onde é o Tojal. Roupas de Ferrel, de Parede e mais terras. Ainda da mesma terra 50 e 50 mais 150. Remédios e livros e dinheiro, no Lar. Da J. O. C. de Arroios, 300. Esta secção vai na vanguarda para um mundo melhor. Assim o verifiquei quando do peditário. Eis, outra prova. Visitantes do Brasil com 100 e mais cem. Nova lição para Lisboa. Outra vez o Rio de Janeiro com 4.000; de Cascais 100 do primeiro ordenado dum noivo cristão. 100 para os Pobres e outros donativos entregues directamente aos vicentinos para os seus pobres. 50 duma promessa mensal, pelo exame dum netinho. Embora ele não fosse muito feliz, veio a conta porque «não é bonito fazer bem só por interesse». Da Nestlé 161\$60 e 146\$50. Visitantes da América voltaram a dizer a Lisboa onde é o Tojal, com 10 dólares. Duma figueirense 30 e 20 e cortinas pintadas. É a devoção pela família numerosa e pela capela da Curraleira. Para algumas telhas das casas dos Pobres 50, com pena de não poder oferecer a casa toda. Outros o farão; 20 da maior pecadora de to-

AGORA

A procissão de hoje abre com um desejo; um grande desejo. E' aquela casinha do Património, erguida perto da passagem de nível de Valongo e dentro em breve habitada por uma família de pais e nove filhos, que viviam até agora em trágicas circunstâncias. É essa casa. Ora nós queremos fazer bem não só à dita família, mas também e muito principalmente a quem nela quiser oferecer. São vinte contos. Passou há dias e esteve entre nós um padre Jesuíta, mensageiro do Papa e pregou assim. Esta é a doutrina da reforma do mundo. Depois da renovação interior de cada um, operada por si mesmo e sem isto nada. Depois daquela, digo, vamos a esta e reformemos as condições de vida dos pobres. Ela fica numa encruzilhada de estradas de 1.ª classe. Os automóveis sucedem-se. Muitos deles são ricos. Disputar não, mas procurar ser o primeiro sim. São vinte. Aqui está o meu desejo. Ele vai na procissão. E também vai uma senhora muito escondida, que mora na cidade do Porto e fez entrega de doze contos no Espelho da Moda. E alguém do Porto leva esta bandeira: junto envio a quantia de 20\$ para o Património dos Pobres, esta importância é de tabaco que gastei a menos durante o mês que findo hoje. Estes sacrifícios valem. Eles são o cimento. Vai ao pé alguém de Lisboa com 100\$, e de Gondomar 20\$. Também enfileira a sexta prestação de 12 para a construção de uma casa. Deus assim o quer, é o parêntesis que agora aparece em substituição do que tem vindo até aqui—Se Deus quiser.

Foi-se embora a dúvida. Veio a certeza. Mais 100\$. Outra vez cem da prestação do meu filho. Atrás de tudo vão os funcionários da Chenop (Sede) com trezentos e dez escudos do mês de Setembro. Eles dizem assim: Já conseguimos, ou por outra, só conseguimos até agora 4 795\$00 salvo erro. Pouco mais de um terço do custo da casinha em 20 meses... Falta ainda o dobro do caminho percorrido. Se as diferentes secções espalhadas pelo Norte do País viessem ao nosso encontro, tudo iria mais depressa. Mas nós lá chegamos. E eu digo que acho bem este vagar. São sacrifícios multiplicados. Há-de ser linda a casa deste Pessoal por ser feita de pedras pequeninas. E mais nada.

Máquina de costura

Já temos! Deu sinal uma família de Lisboa. Por estes dias deve chegar à estação de Cete. Foi uma resolução imediata. Do ler ao dar, não houve distância. Já não sou o mais feliz neste negócio; outros levaram-me a palma. E foi Lisboa!

dos os tempos. Quem tal confessa, não pode levar a camisola amarela. Não podia faltar os Empregados da Vacuum e cá estão com duas cotas, de 1.050\$ e 1.160\$.—Os nossos doentes não ficaram sem resposta. Tivemos a alegria de lhes fazer chegar às mãos alguns exemplares do Evangelho, revistas, crucifixos etc. Tudo o que distrai nas longas horas de forçado repouso, é recebido com alegria e visível reconhecimento. Nunca nenhum levou a mal que colocasse uma estampa de N.ª Senhora no lugar duma despidorada bailarina, rasgada à vista dos donos.

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

UM LIVRO

E' o Ovo de Colombo. Já anda no prelo e brevemente começamos a distribuir. Ao contrário do que sempre temos feito e havemos de continuar, no caso deste, não. Com o Ovo de Colombo procedemos à cobrança, por esta razão; o livro custa 10\$00. Não é fácil aos nossos fregueses enviar esta quantia, a não ser em selos. Mas o Júlio já me disse que os C. T. T. vendem mas não compram. Daí a nossa resolução. Vai o livro à cobrança. Ele é uma descrição fiel do Património desde o seu início; Abril de 1951, até hoje, fim de 1953. E' de admirar de como foi possível construir 66 por administração directa. Cooperar com os párocos de: Melres, Canelas, Fontelo, Tomar, Cinfães, Fontelas, Marinho Grande. Ur gese, Alcanena, Águeda, Amaranente, Barbacena, Penafiel, Eixo, Esporões, Lavos e Mirandela; e desta sorte entregar 72 delas a outras tantas famílias pobres. De como foi possível, ainda, arrastar apaixonados que, usando dos seus meios, entregaram 58, segundo o Espírito da Obra. Vale a pena comprar. Vale a pena ler. Nem tudo é destruir. Duzentas casas!

INVERNO ISTO É A CASA DO GAIATO

Uma carta

Ele aí vem. E nós vimos aqui por causa dele. Primeiramente os nossos; os desta casa de Paço de Sousa. E a todos de boa vontade que habitam perto de Miranda do Corvo e do Tojal, também deixamos recado. É a mensagem do inverno. Chegamos a este tempo, as três casas estão no fio; não só por aquilo que rompemos, mas também e muito principalmente porque durante o ano distribuímos. Da Covilhã, se ainda é vivo quem o tem feito, faça o mesmo este ano e haja por bem despachar para a estação de Cête a peça que dê para sobretudos. Usados, seja de onde for, qualquer tamanho e estado, pedimos e aceitamos. Fatos, da mesma sorte. Roupas interiores também. Aquela família do Porto que costuma vir todos os anos por este tempo, não falte neste. Vem lá o inverno. Uma grande parte de roupas usadas que nós recebemos, é distribuída por um sem número de *barredos*, que nós visitamos nesta nossa querida (e neste particular chorada) Pátria. Quem não chora na mansarda, não ama quem ali mora. E quem não amar quem ali mora mente, se disser que ama a Deus. E já agora interrompo, para chamar aqui um Senhor do Porto que, no outro inverno, não esteve com meias medidas e entregou cinco contos para cobertores de lã. O arma zem aonde os compramos, fez-nos um grande desconto e desta sorte, foi possível obter cinquenta magníficas peças. Eram cinzentos com uma barra preta. É o inverno que está a falar. Vamos repetir a operação e aquecer o mundo. No *Espeelho da Moda*. No nosso Lar do Porto. Pelo combóio. Correio. Mão. Aqueçamos o mundo. O mundo necessita de calor que leve as almas a falar de Deus e tape a boca aos revoltados.

Nós vamos por aí abaixo na roda do ano. Entramos dentro de infinitas casas. Conhecemos a vida e os costumes de seus habitantes. Pois bem. Para trás não conheço mas de vinte anos a esta parte, tenho sentido e visto poucas melhoras na vida dos pobres. Tudo como era. É mesmo esta a palavra deles: *estamos no mesmo ser, meu padre*. As leis. Os discursos. A vontade de acertar. Os congressos. A fundação e a entrega de estabelecimentos. Todas as obras de assistência. Nada. Poucos progressos. A miséria corre mais do que os remédios. São os vizinhos de coração; o povo que paga dízimos e décimas; os sobrecarregados. São estes. Eu vou e oiço. Quem dá o leite à menina? Quem traz o caldo ao doente? Quem paga as receitas? Quem deu aquela saia, um cobertor e aquela farinha; quem entregou esta garrafa de azeite—quem foi? E o aluguer do carro que levou o doente à consulta? E despesa de internamento; tudo e sempre que o pobre precise, quem? São as meninas e as senhoras do Casal de Cima e o senhor Rocha. Foi a *ti Jesofina*, foi o *Zé Caseiro*. Vizinhos de coração.

Gente que paga dízimos e décimas. Não fosse este povo e o povo morria à fome.

Fala o inverno. Os *padres da rua*, nesta época do ano, não podem entrar nos *barredos* sem embrulhos de baixo do braço. Nas cidades, infelizmente, não podemos deixar peças novas. Mora ali o *Senhor Prego*. Ele é muito conhecido e muito procurado. Nas cidades não. Mas nas aldeias sim. Senhor

*** Outra vez o Manel do Embrulho. Na minha ausência arranhou um tal sarilho, que o chefe houve de intervir. Foi um sarilhão! Tudo apurado, chefe resolve retirar o faltoso do serviço da casa mãe e mandá-lo para a pocilga: *vais prós porcos*. Isto soube eu no regresso, quando vejo o Pombinha a servir a mesa aonde eu como. Fiquei triste. Muito triste. O rapaz faz-me falta, sim, mas não interferi. Antes quero ser vítima da organização. Dias depois, subo a nossa avenida e sinto alguém atrás. Volto-me. Era ele; era o Manel do Embrulho. Ele triste. Eu mais. Dois passos andados e a modos comprometido, oiço dizer: *agora ando nos porcos*. Era ele a falar. Eu nada dizia, de tanto me custar ouvi-lo. *Ando nos porcos. Sou ajudante do Pataco*. E ao passo que vai ganhando confiança e perdendo o medo, Manel do Embrulho desenvolve, explica, faz gestos. Diz-me de muitos porquinhos que já temos e como eles são e o que eles fazem; e gaba o Pataco. Este é o Manuel Leal. Não sei se já o era antes de vir, mas aqui é. É o Pataco. Apareceu o ano passado, este delicioso rapaz. Olhos negros, tez morena, palavras direitas. Mostra-me os sinais de maus tratos. Não tem pai nem mãe. Pergunto-lhe o que sabia fazer e ele responde que chamar bois e cegar erva. Entreguei-o ao Sérgio. Daí a pouco é nomeado para as pocilgas. Nunca ninguém cumpriu como ele.

AQUI, LISBOA!

(Continuação da segunda página)

100 para o Património; 100 da Avenida 5 de Outubro para o mesmo fim, sentindo-me muito feliz por poder ajudá-los; 500 com igual destino. *Majra, sim senhor*.

50 para fruta da sobremesa (estamos no tempo das castanhas) dos nossos rapazes e 30 para uma criança necessitada. Elas são tantas... Por vezes já não podemos sair das curraleiras. Bastou uma vez chegar junto dum padreiro e começar a reparar pão. Agora não desistem. Enquanto o padreiro não disser que já não tem mais, a bicha cresce, cresce, sem que se veja o fim. Temos ali a melhor visão do panorama das curraleiras. Não há aleijão, nudez, tara, sujidade que não apareça. Se os que arrotam discursos ali estivessem, sairiam, como Longuinhos, de cabeça baixa, a bater com a mão no peito. 70 para o que for mais preciso, do primeiro abono de família da nossa filha. De Casais Penedos 100, dum mãe que deseja para os seus filhos, a maior riqueza—a virtude. Mais visitantes agora de Lisboa, em grande número e qualidade que se desobrigaram modeladamente. Depois o Montepio onde vamos fazer uma limpeza sempre que a necessidade aperta. Nunca recorremos ali, em vão. Entre depósitos e embrulhos, a Senhora D.^a Irene tem sempre boas notícias a dar. É tudo muito fácil. Quem tiver medo desta estrada que a Câmara há muito devia ter reparado, sobe ao primeiro andar do Montepio, lê o papelinho colado em todas as portas, deposita e recebe, em troca, na alma, um banho de alegria.

Finalmente uma notícia que, se não fosse da Beira Baixa, diria que era da América. Todos se recordam dum Engenheiro que prometia construir uma casa do Património onde estivesse em construção um prédio. Era a terceira vez que repetia a promessa. Falou-se em Castelo Branco. Os vicentinos leram. Pegaram num papel e escreveram uma carta. Numa terça-feira entreguei a carta, na casa do Engenheiro amigo dos Pobres. Não estava. Chegou na quarta; na quinta-feira saltou aqui a pedir as plantas; na sexta, alguém se entendia com o Presidente da Câmara que logo cedeu terreno para duas casas. No sábado abriram-se os alçerces; no domingo ou segunda o Prelado da Diocese benzia a primeira pedra e o Presidente dava terreno para mais dez casas e dentro de vinte dias!!! os vicentinos terão nas mãos as chaves de duas moradias para entregar aos seus pobres.

Melhor, só na América!

Padre Adriano

do ano passado. Senhor dos cinquenta cobertores. Repita. Amanhã, diante de todas as gerações do mundo, há-de ouvir a sua sentença articulada pelo Justo Juiz: *tive frio e tu agasalhaste-me*.

Manel do Embrulho ao gabá-lo, não lhe faz favor nenhum.

Mas continuemos.

Era-me dolorosa a ausência do Manel. Ele é impetuoso. Gosta de tudo depressa e bem feito. Obrigame a levantar às seis e meia para fazer a cama! Há dias, fazendo de cicerone, deixa os visitantes a meio, enquanto lhes declara: *não posso empatar mais tempo que tenho a minha obrigação*. E caminha! É assim o Manel do Embrulho Condiz com o meu feitio. Faz-me falta a sua companhia.

Ora nós ontem fizemos um contrato. Ele deixou os porcos e voltou a meu servente por trinta dias. No fim daquele tempo, se ele não armar outros sarilhos, renova-se o contrato. E assim por diante, em duodécimos, até final. Desta sorte é-lhe mais agradável pagar e a mim receber. Quando qualquer alteração séria, darei parte aos meus queridos leitores.

*** O Delfim Ferreira, Fominhas, como ele era conhecido enquanto na nossa comunidade, depois de ter fugido, determina se e regressa. Fugiu do Lar do Porto. O que ele disse então! O que ele fez! Parecia um caso totalmente perdido, mas nunca devemos pensar assim, tratando-se de rapazes desta natureza. Nunca devemos perder a esperança. A Graça opera maravilhas e causa formosos regressos. A nossa alma é espiritual. Opera por si. Vence os sentidos. É *Obra de Deus!* Pois o antigo Fominhas, saído que foi do Lar, vai viver com uma tia. Conseguiu colocação.

Ontem sou chamado ao telefone. Era o seu patrão, que eu não conhecia. Conta-me graves faltas do rapaz. Tem de o mandar embora, mas prevê mais um desgraçado nas ruas, pedindo-me que o torne a receber. Admirei uma tal bondade no coração de um homem de negócios e disse que sim. No dia seguinte, à tarde, chega aqui um automóvel elegante e discreto. Traz motorista igualmente discreto. De dentro, sai um cavalheiro. Era o patrão. Falamos. Disse-me. Ao faltoso fora dito tudo quanto de mau tinha praticado, propondo-lhe, no fim, o Patrão, regresso à Casa do Gaiato. Com grande espanto e consolação sua, o mesmo senhor informou-me que o rapaz, tendo ouvido tudo, coloca os olhos no chão exclamando: *só a Casa do Gaiato me pode salvar*. Foi esta a notícia que me veio aqui dar, no seu carro elegante e discreto, um comerciante da cidade do Porto, que não desmente, antes confirma, as suas maravilhosas tradições.

Este senhor entregara ao Fominhas quinhentos escudos para me dar. Deu-lhe, além disso, dinheiro para o combóio e que me desse o troco. Fominhas chega à sua antiga casa e cumpre religiosamente. No dia seguinte chamo o Delfim Ferreira ao meu escritório. Ele tem 17 anos. É inteligente. Pudera lançar-lhe em rosto o que ele fez, o que ele disse e tudo mais. Pudera, sim, se isso não fosse na verdade um mal maior do que todos aqueles que o rapaz haja porventura cometido. Não disse nada. O que lá vai, lá vai. Mas fui severo. Fui muito severo. E assim é que, tendo nós na aldeia todas as artes e ofícios, entreguei o rapaz ao Manel Pedreiro. É este o seu ofício. Da varanda do meu escritório, vejo-o a trabalhar no novo edifício das oficinas. O Manuel tanto trabalha com granito como

(Continua na quarta página)

Melhor; trecho de uma carta. «Pai Américo—é horrível ser pessoa crescida, conhecer bem a vida e sofrer. É horrível ver que nada é como nós pensávamos nem nós mesmos somos aquilo que queríamos ser. Senti como tudo é complicado, difícil e feio. Eu tinha tantas ilusões e tanta confiança na vida, eu tinha tanto amor a tudo e a todos. E agora eu sofro, sobre a minha família e os meus amigos. Só vejo desgostos, dores, sofrimentos e preocupações.

Padre, eu queria tanto sentir à minha volta, um pouco de verdadeira felicidade. Queria tanto descarregar este fardo que todos os dias se torna mais pesado e que me cansa. Queria tanto, ter muitas coisas para dar e receber outras.

Padre, estou a dizer tolices e coisas sem nexos. Estou sórinha e apetece-me chorar. Queria ser um bebé, encostar a minha cabeça e dizer que dormisse tranquila. Queria—mas não sou. Tenho de ser a pessoa crescida que sente as coisas todas demasiado e que tem uma sede de felicidade que não alcança.»

Papel não. Havia de ser uma tela que resistisse aos séculos; tinta que o tempo não consumisse; lugar que fosse passagem forçada de tudo que nasce da mulher. Havia de ser.

Isto é uma pintura da vida. Está ali a doutrina do pecado original: nem nós somos aquilo que queríamos ser. A doutrina da Cruz: queria descarregar este fardo. Da Redenção: eu sofro. Sofre a Família. Sofrem os amigos. A doutrina da Imortalidade: sede de felicidade. E todo o Evangelho em majestosa simplicidade; queria ter muitas coisas para dar e receber outras. Papel não.

FESTA DE ANOS

No dia 25 de Outubro, tivemos cá na aldeia, uma grande festa, a qual constou dum jantar oferecido aos pobres da nossa conferência e da conferência feminina de Paço de Sousa.

Eram 11,30 quando os nossos irmãos pobres principiaram a entrar na aldeia. Era meio dia e meia hora, quando principiou o jantar que foi servido pelos confrades e que constou de: sopa, arroz com vitela assada, vinho e aletria. No fim foi distribuída uma regueifa e uma quantia em dinheiro a cada pobre. O momento foi emocionante! Assistiram à festa o Senhor pároco da freguesia, uma família do Porto, e os dois casais que recentemente se uniram.

Terminado este, viram-se olhos a verter lágrimas de alegria! O Pai Américo também participou da grande alegria que se verificou nos corações dos pobres e dos confrades. E para terminar esta pequena crónica, desejo que no próximo ano se possa verificar a mesma alegria.

LOBO

PROPAGAI

«O Gaiato»

Angariando novos assinantes

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA No dia 25 de Outubro de 1953, dia de Cristo Rei, estiveram na nossa aldeia os pobres da nossa conferência, que confraternizaram connosco, comendo do nosso caldo.

Nos olhos deles e dos nossos vicentinos, lia-se comoção, pois vimos lágrimas escorrer-lhes pelas faces. Lágrimas verdadeiras, que caem no ponto culminante da comoção.

Bendito seja Deus, por nos ter dado alegria tão sã e tão verdadeira.

Por isso amigos, colaborem com a nossa conferência, que está com um déficit de 20 contos e quer socorrer mais pobres.

— O Caetano está na cama doente há dois meses e estará até quando o nosso Redentor quiser.

Está muito doente e apesar disso está contente. Deve-se lembrar com certeza daquela resposta de Santa Teresinha aos seus, quando estava enferma:

Os Pais: — davamos tudo pelas tuas melhoras, minha filha!

Ela: — então vocês, meus Pais, estão com pena de eu estar a cumprir o meu dever?

Ele não pediu, mas eu p'ço aqui aos nossos amigos alguns brinquedos e uns livrinhos com figuras coloridas, se puder ser.

— No dia 23, fez anos o nosso Pai Américo. São 67. A maior prenda que lhe podemos dar é pedir a Deus que lhe dê muitos anos de vida, para enriquecer a nossa nobre Nação, com estes santuários de almas, que são as casas do Gaiato, que vai semeando sempre com alicerces seguros, — Deus.

Nesse mesmo dia houve um lindo espectáculo, organizado pelo nosso grupo cénico. As peças que vieram à cena foram:

A Velhice Católica, O Fâquir, O traquina e O Sossegado, Uma Lição de História e Nem Tanta Ciência. A meu ver, as figuras mais em destaque foram: Cândido Pereira, Machado Nascimento e Augusto Barredo.

— Esta quinze não vieram selos mas espero que isso não acontecerá nas seguintes, porque se se tinham esquecido eu volto a lembrá-lhes.

O Album também ainda não veio, mas não deve tardar muito, pois os meus amigos bem sabem que sem Album... nada feito. Eu gostaria dum que tivesse também a parte das colónias.

Daniel Borges da Silveira

LAR DO PORTO Entraram para a Escola Comercial alguns dos nossos rapazes, entre os quais, Manuel Figueiredo, Bernardino, Rogério Pereira e um dos grandes que é o Joaquim Pedro; estes andam todos na escola noturna. O Zé Lemos também anda, mas é na escola de dia, porque foi recomendado pelo nosso Pai Américo.

— Vários rapazes querem ser sócios do Solar dos Leões do Porto. Mas o chefe actual não consente essa liberdade por serem ainda de pouca idade. Quando crescerem, então será resolvido o assunto.

— A nossa equipa de futebol anda muito animada, com os treinos constantes que temos feito no campo do Luso, sendo treinador o Fernando Cid.

Levantamo-nos cedo, e quando vimos que a hora se aproxima voltamos ao Lar para almoçar. Quando alguns chegam tarde, o Carlos Inácio não consente que a Senhora Ihs dê de comer, para outra vez haver mais cautela. Assim me aconteceu a mim, que levando o meu relógio marca «Fero», o perdi sem saber ao certo aonde. Depois de vários anúncios nos jornais e postos emmissores, ainda não apareceu.

Manuel Henrique (Hélio)

CONFERÊNCIA — Caros leitores! Andamos um pouco arredados no respeitante a notícias da Nossa Conferência.

Temos sido injustos para convosco, uma vez que é de nossa obrigação dar conhecimento do que recebemos de vós. Por isso, as nossas desculpas.

Não calculais amigos as dificuldades que temos atravessado e por isso é digno de nota um caso que vos vou contar:

Ainda há pouco tempo chegamos ao apuro de não termos que dar aos nossos protegidos. Estávamos preocupadíssimos e aborrecidos visto sabermos do quanto necessitamos os nossos pobres a maior parte dos quais são do Barredo. Mas eis que alguém depositou no Esp' lho da Moda 5.000\$00, para a Nossa Conferência, e para outros pobres do Barredo. O tempo foi passando, os donativos diminuíram e eis que novamente nos vimos embaraçados com o mesmo problema, para novamente alguém enviar 2.500\$00 e mais 400\$00. Milagre? Não direi tanto! Apenas a providência de Deus! Cada vez acredito mais nas palavras que foram proferidas pelo senhor Padre Adriano quando da fundação da primeira Conferência: — «Quanto mais derdes mais receberdes». Realmente assim tem sido e a atestá-lo está, a entrada de mais 9 famílias que passaram a ser por nós socorridas. Totalizaram 20, aos

quais distribuímos semanalmente o que segue: — 19 a 10\$00 e uma a 50\$00. Renda de casa mensal a 4 famílias num total de 250\$00. Rendas extraordinárias quanto precisas Para certos pobres, camas, roupas, medicamentos, etc. etc. Distribuímos mensalmente pelos nossos pobres 1.160\$00, fora extraordinários que aparecem todas as semanas como sejam: — Resgate de penhores, compra de objectos, etc.

Portanto não é de admirar que novamente estejamos sem dinheiro, pois apenas para fazer frente às despesas deste mês tenhamos apenas 5 \$00 Mas nós continuamos confiando na providência de Deus e esperamos sempre de vós.

DONATIVOS — De um subscritor da Beira Baixa, 200\$00. O subscritor número 54, 40\$00. Mais 5\$00 de alguém. Mais um anónimo, 50\$00. Outro anónimo 40\$00. Outro anónimo, 100\$00. Por alma de José Lopes da Fonseca Junior, grande amigo de todos os gaiatos, 400\$00. De um outro anónimo 2.616\$60. O total é de 3.451\$60.

O QUE DISTRIBUÍMOS — A um pobre do Barredo, duas camas completas, um edredon e um colchão. De notar que numa cama dormiam 6 filhos! A este mesmo pobre distribuímos 7 pares de sapatos e passamos-lhe a esmola para 20\$00 semanais em virtude de viverem em muito más circunstâncias, pois além da família ser numerosa, 10 pessoas, o br'ço da casa que é o homem está impossibilitado de trabalhar, por ter partido um braço; a mulher esteve muito mal no hospital, e um filho teve uma pneumonia.

Demos uma outra cama a uma velhicha, de perto de 80 anos, que dormia no chão, e um colchão a um pobre que já lhe tínhamos dado uma cama mas que por falta de colchão dormiam em cima da rede, por ela ser de rede. Apelaremos em breve para o Farrapeiro de S. Vicente de Paulo no sentido de nos darem alguma roupa para as camas. E por falar no Farrapeiro, eu tenho a dizer aos nossos caros leitores e amigos, que não deixem de enviar tudo o que vos seja inútil, deitar nos camiões quando for dos cortejos, porque bem merece esta simpática e valiosa organização, porque tudo o que lá cai reverte a favor dos pobres de todas as Conferências que do Farrapeiro careçam auxílio. Porque temos precisado e temos sido atendidos e além de tudo, porque é uma grande organização que poucos conhecem, eu apelo como vicentino, para que não deixem de enviar para o Farrapeiro, o que vos faz estorvo em vossa casa.

FINALIZANDO — E pronto amigos, é tudo. Só nos resta agradecer a todos o valioso auxílio, moral e material, que disso beneficiarão os nossos pobres, os pobres do Barredo.

Até à próxima
CARLOS VELOSO DA ROCHA

TOJAL Chegou o tempo da azeitona, andam cinco dos nossos camponeses a varejar e cinquenta rapazes a apanhar, é uma alegria para esta rapaziada, muitos fazem desafios para ver quem é que apanha mais. As oliveiras estão carregadinhas.

No dia 18 do mês passado os nossos confrades da Rainha Santa Isabel, da Casa do Gaiato do Tojal, foram assistir a uma sessão vicentina a convite do Conselho Particular de Vila Franca de Xira. A primeira parte do dia foi para pedir a Deus que ajude os nossos pobres. Deus ouve as nossas orações que fazemos pelos pobres que não têm o pão de cada dia, para aqueles que estão à chuva e ao vento sem terem que vestir, quantos e quantos pobres andam na miséria, andam ao abandono como o lixo. Senhor! Tantas almas perdidas por não terem quem lhes ensine a verdade. E nós para que elas não caiam na miséria pedimos a Deus por elas. Depois cada confrade apresentou um relatório breve da sua actividade. Eu falei pela nossa conferência. O presidente no final comentou assim: vós rapazes, sois pequenos no corpo, mas grandes de alma.

— Continuo a agradecer aos nossos leitores os donativos que recebemos; foram 10\$ e mais 25\$. Aquelas senhoras que costumavam mandar camisolas, pelo inverno, não se esqueçam este ano. Também recebemos duas dúzias de toalhas. Muito obrigadinho.

— Júlio é o jardineiro. Aqui há tempos escolheu um canteiro e começou ali a plantar flores. A certa altura as flores já estavam criadas e ele apanhou-as e deu-as ao Sr. Padre Francisco para vender na praça. Renderam 3\$ e o Sr. Padre Adriano disse que ele podia ficar com esse dinheiro e comprar o que quisesse. Como era dia de anos do Pai Américo, o Júlio pensou comprar um postal ilustrado para mandar ao Pai Américo, mas como o postal levava poucas letras, resolveu meter o dinheiro dentro num envelope e mandar ao Pai Américo como primeiro ordenado que tinha recebido. Mas como gastava muito no correio, resolveu rezar a Nossa Senhora pelo Pai Américo e deitar o dinheiro na caixa dos pobres.

João A. Gouveia Marques

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Um aniversário. — Foi como no ano passado. Vieram os Pobres que visitamos semanalmente e também os habitantes das casas do «Património».

Eles traziam o melhor fato. Elas o melhor lenço. O dia era grande.

Descrever, sim, mas sentir de perto a alegria dos corações, quanto maior!

Caldo saboroso, carne da melhor, pão fresquinho, vinho da nossa adega — mesa farta. Alegria! Louvado seja Deus.

Eu vi lágrimas nos olhos. Exclamações e comoções!

A festa d'anos, foi a festa dos Pobres Ad multos anos.

Como sempre, antes de iniciar a escrever esta pequenina crónica, pergunto ao Avelino em quanto vai o déficit. Ele é o tesoureiro Segundo os livros, anda à volta

de quatro contos! Quer dizer, não há meio de baixar. Mas não desanimamos à primeira. Esperamos sempre que apareça um leitor que supra. Ele aparecerá, assim Deus o queira.

Pois bem. O assinante 22220 mandou cem escudos De Lisboa outro tanto. De algures 20\$00. Outro anónimo e mais vinte escudos. Vila Fernando com 50\$00. Será Alentejo? Do Porto, num envelope muito pequenino mais 100\$00 De Castelo Branco 5\$00. Justino Moreira 7\$00 Um cliente da nossa tipografia, 34\$50 Rogério Sousa 10\$00 Marinhas com 100\$00 Parede com 10\$00 Dum modesto empregado dum junta de freguesia, 50\$00, porque o ordenado é pequeno. O assinante 13973, com 20\$00. A Mãe. pedindo que Deus se lembre dos olhos da Maria Armada, com outro tanto. E por fim Leonil Antunes com 100\$00.

Júlio Mendes

Isto é a Casa do Gaiato Continuado da página anterior

tejo ou blocos de cimento. Põe telhados. Mexe e aplica tintas. Manuel não é um estranho. É irmão. É um irmão do antigo empregado de escritório.

Só a Casa do Gaiato me pode salvar. Fala um que a conhece, aonde esteve, de onde fugiu — tudo porque quis. E ora regressa porque quer. Nós somos a porta aberta.

*** Agora não é na capela; é no hospital. É lá que eu faço as orações da manhã. Temos um doente em estado grave. A senhora das casas, que também é a enfermeira, há muito que se mudou dos seus aposentos na casa-mãe e ora dorme ao lado do pequenino. Os melhores medicamentos. A melhor dieta. Médico mais frequente. Há-de haver uns quatro anos que eu achei esta criança numa rua do Porto. Era de tarde. Muito trântito. Muitos negócios. Muitos interesses. Tudo gente ocupada. Eu passei. Levanto o pequenino do chão e h'je, ao pé dele, faço as orações da manhã. A enfermeira aonde se encontra, tem três janelas rasgadas com lindas vistas. Um cedro, encosta os seus ramos a uma delas. Ao pé, num largo, é o jardim que o doente cultivava; e muitos patos num lago, obra das suas mãos. Ele está no leito fofo e brunido. Da cabeceira, pende uma cruz com Jesus Crucificado. Está ali tudo. Está ali a Promessa. O crucificado representa; o pequenino doente é. É Jesus. E ali faço eu todos os dias as orações da manhã.

*** Neste dia dos meus tristes anos, estava abrindo encomendas postais, quando o Manel do Embrulho entra de tabuleiro na mão e sobre ele o meu café. Coloca tudo sobre a mesa de trabalho. O pacote que eu acabara de abrir, era da Parede. Trazia um volume de português suave e uma data de rolos com moedas de chocolate. Ali estavam os rolos sobre a mesa, um dos quais aberto e moedas a vista. Manel olha para elas e a seguir para mim... Eu faço o mesmo. Compreendemo-nos. Estava ali um grande perigo! Isto de bulir nas coisas é o ponto fraco dele. E se chocolate, não falemos... Ora nós estamos na vigência do contrato de que acima falei. Eu não

quero perder de maneira nenhuma os serviços do Manel do Embrulho; tão pouco ele, esta sua obrigação. Mas o inimigo estava ali... Ele já o tinha visto. Teria forças para resistir à tentação? Tornamos a olhar um para o outro. Deve ter havido transmissão de pensamento. Foi uma grande palavra silenciosa. Ambos descemos as escadas com os rolos de chocolate na mão e fomos distribuídos pelos Batatas. Ele compreendeu... Tendo-lhe dado uma das moedas e enquanto retirava a cápsula de prata, o rapaz, triste e cabisbaixo, dizia: a minha cabeça não guarda nada. Agora não, mas mais tarde sim. É questão de haver quem o ajude e nós estamos aqui para isso.

*** Falando novamente dos meus tristes anos, colhi imensa alegria de uma coisa bem pequenina: um dos meus rapazes, hoje notário, manda uma carta e dentro dela, com que comprar uma fatia de pão de ló e um cálice de Porto no dia dos seus anos. Tem graça que eu não sou grande apreciador de vinho do Porto por o achar doce. Mas deste gostei; e nenhum tão doce como ele

*** O Sr. Orlando Nightingale, que é, como toda a gente sabe, o Faisca, acaba de escrever esta cartinha ao Carlos Inácio:

«Como já deves saber eu não fui estudar. Quando vim gastei o dinheiro da minha matrícula e quando cheguei a Coimbra pedi ao Sr. P.^o Horácio. O Sr. P.^o Horácio tentou que eu fosse castigado, mas continuaria a estudar. Mas o Pai Américo não concordou. Estou aqui em Miranda a trabalhar; descalço e com o cabelo rapado. Fui de tudo o culpado; se eu fizesse o que tu me dissesse muitas vezes, talvez agora não fizesse o que fiz. Se eu me portar bem até ao ano que vem, talvez eu vá estudar outra vez».

Dizem que eu sou bom; não. Sou duro.